

A precarização do trabalho e a desumanização psicossocial em produções cinematográficas

La precariedad del trabajo y la deshumanización psicossocial en producciones cinematográficas

The precariousness of work, and psychosocial dehumanization in cinematographic Productions

Luciano Domingues Bueno

Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL/Brasil

ORCID: 0000-0001-7861-7092

E-mail: lucianodbueno@gmail.com

Maria Laura Barros da Rocha

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC/Brasil

ORCID: 0000-0001-8857-4591

E-mail: laurabarrosrocha@gmail.com

Adélia Augusta Souto de Oliveira

Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió – AL/Brasil

ORCID: 0000-0001-5635-1510

E-mail: adeliasouto@ip.ufal.br

Resumo

Neste artigo, questiona-se o futuro de uma ilusão de modernidade, estabelecida nos avanços tecnológicos e na dinâmica neoliberal de organização do trabalho, por meio da análise interpretativa de duas produções cinematográficas que expõem a dinâmica de exploração humana instrumentalizada pela defesa de uma modernização dos modos de (re)produção do trabalho. Consideram-se imagens provenientes de um futuro hipotético vindo do passado, retratados no filme *Tempos modernos*, em contraposição a um registro contemporâneo do trabalho precarizado no documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*. Objetiva-se evidenciar criticamente as transformações ocorridas no mundo do trabalho, os avanços tecnológicos e o ideal de modernização, bem como suas implicações para a dimensão psicossocial. Adota-se o percurso metodológico da análise de núcleos de significação, em articulação com a Psicologia Sócio-histórica. Os resultados indicam a organização da cidade como expressão da (re)ordenação psicossocial a partir dos modos de produção; o ritmo desumanizante das esteiras de operários e das máquinas de costura dos empreendedores; a precarização do trabalho na contemporaneidade que produz apagamentos (aparentes) nas tensões sociais decorrentes da organização social do trabalho, (re)produzindo uma internalização de coordenadas neoliberais como modos de organização do próprio psiquismo. Conclui-se que a (re)produção de modelos de precarização/desumanização psicossocial esvaziam e individualizam a dimensão ético-política do sofrimento decorrente dessa (des)organização do trabalho, subjetividade e saúde mental.

Palavras-chaves: Trabalho; Cinema; Saúde mental; Subjetividade.

Resumen

En este artículo cuestionamos el futuro de una ilusión de modernidad, establecida en los avances tecnológicos y las dinámicas neoliberales de organización del trabajo, a través del análisis interpretativo de dos producciones cinematográficas que exponen las dinámicas de explotación humana instrumentalizadas por la defensa de una modernización del Modos de (re)producción del

trabajo. El análisis se establece a través de dos imágenes contrastantes: un futuro hipotético establecido en el pasado, a través de *Tiempos Modernos*; y un registro contemporáneo del trabajo precario en el documental *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*. El objetivo es resaltar críticamente las transformaciones ocurridas en el mundo del trabajo, los avances tecnológicos y el ideal de modernización, y sus

implicaciones para la dimensión psicossocial. Se adopta el camino metodológico de análisis de núcleos de significado, en conjunto con la Psicología Sociohistórica. Los resultados indican la organización de la ciudad como expresión de un (re)ordenamiento psicossocial basado en modos de producción; el ritmo deshumanizador de las cintas de correr de los trabajadores y de las máquinas de coser de los empresarios; la precariedad del trabajo en la época contemporánea que produce (aparentes) borraduras en las tensiones sociales que surgen de la organización social del trabajo, (re)produciendo una internalización de las coordenadas neoliberales como formas de organizar la psique. Se concluye que la (re)producción de modelos de precariedad/deshumanización psicossocial vacían e individualizan la dimensión ético-política del sufrimiento resultante de esta (des)organización del trabajo, la subjetividad y la salud mental.

Palabras clave: Trabajo; Cine; Salud mental; Subjetividad.

Abstract

In this essay, we put in question the future of an illusion of modernity established in technological advances and in the neoliberal dynamic of work organization, through the interpretative analysis of two cinematographic

productions that expose the dynamics of human exploitation instrumentalized by the modernization of the modes of (re)production of work. The analysis is established through two contrasting images: a hypothetical future established in the past, through Modern Times; and a contemporary record of precarious work in the documentary *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*. The aim is to critically highlight the transformations that have occurred in the world of work, technological advances and the ideal of modernization, and their implications for the psychosocial dimension. The methodological path of analyzing nuclei of meaning is adopted, in conjunction with Socio-historical Psychology. The results indicate the organization of the city as an expression of psychosocial (re)ordering based on modes of production; the dehumanizing rhythm of workers' treadmills and entrepreneurs' sewing machines; the precariousness of work in contemporary times that produces (apparent) erasures in the social tensions arising from the social organization of work, (re)producing an internalization of neoliberal coordinates as ways of organizing the psyche itself. It is concluded that the (re)production of models of psychosocial precariousness/dehumanization empty and individualize the ethical-political dimension of suffering resulting from this (dis)organization of work, subjectivity and mental health.

Keywords: Work; Cinema; Mental Health; Subjectivity.

Introdução

“Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela não saiba.”

(Canção Metade - Oswaldo Montenegro)

Quais as implicações contemporâneas da precarização do trabalho na subjetividade e na saúde mental de trabalhadoras e trabalhadores? — esta é a questão que guia o presente artigo sobre a organização social do trabalho expressa no cinema. Para respondê-la, buscamos na arte reflexões sobre a relação entre trabalho, subjetividade e saúde mental, através do filme *Tempos modernos* (Chaplin, 1936) e do documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (Vieira Júnior, Aragão & Gomes, 2019).

Compreende-se que a objetivação de arranjos socioculturais na arte guarda em si um potencial para pesquisas documentais sobre configurações históricas presentes nessas

obras. Seja no resgate e (re)construção histórica de conceitos, como no clássico estudo de Ariès (1978), ou na construção de conhecimento científico no campo das artes (Wedekin, 2015). Dessa forma, a arte e a produção de imagens têm demonstrado sua relevância para a pesquisa psicossocial (Loizos, 2002; Bueno & Zanella, 2022; Miura, Oliveira, Kohatsu & Gewehr, 2022).

Intenciona-se a construção de uma ponte de reflexão crítica por meio da interlocução entre uma produção artística que documenta o passado (Chaplin, 1936), como fazem os estudos de Ariès (1978) e Wedekin (2015), e um retrato de implicações contemporâneas de como o trabalho está organizado e como organiza o social (Vieira Júnior et al., 2019). Uma contraposição histórico-dialética entre passado e presente que auxilia na abordagem crítica de formas atuais de exploração por meio do trabalho, além de

subsidiar reflexões e rotas futuras de enfrentamento da exploração humana. Sobre a importância do vislumbre de coordenadas para a construção da transformação do presente, Marx (2011, p. 28) afirma: “[...] não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução social [...] pode colher a sua poesia”.

As argumentações aqui apresentadas se sustentam nesse jogo de significações no encontro entre passado, presente e conjecturas sobre o futuro. A nosso ver, esta proposta parece consonante com a utilização do filme *Tempos modernos* de Charles Chaplin (1936), apontado como um dos melhores registros da relação entre modos de produção e subjetividade no campo das artes (Serra, 2008). O filme se alinha com a proposta de Marx acerca da necessidade de buscar em uma poética futura condições transformadoras da realidade. Não é isso que Chaplin faz, mediante a construção ficcional de um futuro hipotético, moderno? Uma crítica sobre o contexto do trabalho de seu tempo, mediante um retrato futuro dessa realidade, bem como suas possíveis implicações? Algo que, na contemporaneidade, encontra ressonância em produções, tais como a série *Black Mirror*.

Por meio de produções audiovisuais, estabelece-se um confronto entre aspectos que remetem ao passado, ao presente e ao futuro do trabalho, mediado por tecnologias e mudanças no campo do trabalho vistas como modernização. Por meio da reflexão crítica, tenciona-se uma possível ilusão de unicamente benesses dos avanços da tecnologia e de uma dita modernidade na relação humana com o trabalho, a qual ignora a fragilização dos trabalhadores e trabalhadoras através da perda de direitos, do aumento de horas de trabalho e da não separação entre o trabalho e o ambiente doméstico. Ou seja, indica-se a necessidade de reflexão sobre 1) os usos dessas tecnologias e 2) suas implicações para trabalhadores e trabalhadoras.

Tempos modernos apresenta um futuro ficcional imaginado por Chaplin (1936) no

passado; entretanto, o filme oferece perspectiva crítica das relações entre a modernidade e a degradação do trabalho instrumentalizada pela tecnologia. Esta perspectiva (crono)lógica é importante para pressupostos da Psicologia Sócio-histórica, na compreensão histórica da dimensão psicossocial. Isso porque podemos acompanhar arranjos societários de continuidades e rupturas dos processos de organização do trabalho e seus possíveis impactos para trabalhadoras e trabalhadores.

Desse modo, considera-se a subjetividade — um dos eixos centrais deste estudo — como produto (e agente produtor) de configurações socioculturais relacionadas com os modos de produção das condições materiais da realidade e da organização do trabalho (Vigotski, 1998; Antunes, 2011). Como elemento articulador da organização do psiquismo, o trabalho é nosso objeto de estudo, o qual, por sua vez, guia a escolha das obras analisadas: filmes que retratam coordenadas sócio-ocupacionais passadas, presentes e futuras e suas implicações psicossociais. Assim, depreende-se que dessa relação entre subjetividade e arranjos dos modos de produção é possível estabelecer importantes sínteses de abordagem crítica das configurações societárias capitalistas e suas repercussões para o psiquismo (Sawaia, 1999; Almeida, 2018; Antunes, 2020; Safatle, Silva Júnior & Dunker, 2021).

Para tanto, temos como objetivo abordar criticamente transformações ocorridas no mundo do trabalho, principalmente àquelas relacionadas aos avanços tecnológicos e um ideal de modernização, refletindo sobre suas implicações para a dimensão psicossocial.

Coordenadas do passado para compreender o presente e refletir sobre o futuro

Mészáros (2006) explicita a importância do resgate das bases da Alienação para entendermos como o processo de fragmentação da consciência tem sustentação em diferentes campos do saber — direito,

religioso (judaico-cristão) e filosófico-científico (como a antropologia). Mediante a confrontação do conceito de Alienação em diferentes campos, ele reconstrói condições para o desenvolvimento da categoria de Alienação em Marx. Esse processo de fragmentação da consciência (Alienação), decorrente da organização social dos modos de produção, é importante para compreendermos as implicações no psiquismo (e subjetividade), em uma perspectiva crítica, subsidiada pelo Materialismo Histórico e Dialético. Isso ocorre porque a consciência é compreendida como problema central de uma Psicologia proposta por Vigotski (1998) e sua elaboração de uma formação social do psiquismo, que, por sua vez, encontra nas elaborações sobre a Alienação condições de apreensão de repercussões na consciência das formas de trabalho.

Coordenadas teórico-metodológicas como a supracitada guiam nossas interlocuções entre retratos do trabalho vindos de diferentes contextos históricos, no intuito de uma síntese crítica que auxilie as reflexões acerca das implicações da organização sócio-ocupacional para a saúde mental. Para tanto, as produções cinematográficas escolhidas — *Tempos modernos* (Chaplin, 1936) e *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (Vieira Júnior et al., 2019) — subsidiam nosso quadro de investigação sobre o trabalho.

Tempos modernos é considerado por estudiosos (Gradella Júnior, 2010; Moraes, Silva & Rossler, 2010) como um dos melhores registros da organização societária capitalista e seus efeitos, como o sofrimento humano. Sobre o recurso ficcional e sua capacidade de revelação do real, Serra afirma:

Se há filme em relação ao qual a velha querela entre ficção e documentário não tem razão de ser ele é, seguramente, *Tempos Modernos* – que ilustra, de forma perfeita, que toda a ficção envolve documentário (“realidade”) e todo o documentário envolve ficção (“imaginário”). Nesse sentido, este filme acaba por revelar, também, toda a

importância da relação do cinema com domínios como os da sociologia, da antropologia, da economia ou da história, para nos referirmos apenas a algumas das mais relevantes ciências sociais e humanas contemporâneas (Serra, 2008, p. 145).

O filme retrata o desenvolvimento do modo de produção capitalista e industrial, no qual “[...] a vida social acaba sendo regida pela lógica do capital, e as relações e inter-relações sociais se apresentam totalmente coisificadas e reificadas” (Veroneze, 2014, p. 34). Logo, “[...] *Tempos Modernos* é, provavelmente, o melhor documento produzido sobre a sociedade industrial — dando conta não só da sua versão fordista, existente à época, mas também de algumas das direções que ela viria a tomar no futuro” (Serra, 2008, p. 145-146).

Tempos modernos foi escolhido como apreensão de um futuro e de implicações dos usos de tecnologias como estratégia de exploração humana pelo trabalho, fruto dessa modernização. Restava, então, escolher uma obra sobre a face contemporânea do trabalho que servisse para confrontar as qualidades do filme de Chaplin e os contextos laborais atuais, para a construção de uma unidade de interpretação das relações entre trabalho e processos de subjetivação.

Como candidatos, tínhamos o filme *Você não estava aqui* (O’Brien & Loach, 2019), sobre o trabalho informal com entregas — retratando o cenário da uberização (Antunes, 2020) — e *Nomadland* (McDormand; Asher & Zhao, 2021), sobre o trabalho intermitente, tendo cenários como o trabalho em um galpão da empresa *Amazon*. Contudo, o documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (Vieira Júnior et al., 2019) foi escolhido por retratar uma realidade brasileira e um olhar também relacionado ao contexto industrial, porém atualizado por dinâmicas como a terceirização da produção, como estratégia de exploração alinhada a uma reformulação do capitalismo que tem avançado de maneira

desumana sobre a classe trabalhadora (Netto, 2013).

Tanto o documentário escolhido (Vieira Júnior et al., 2019) quanto os filmes *Nomadland* e *Você não estava aqui* retratam, emblematicamente, novos arranjos do trabalho em uma lógica neoliberal. O fio em comum nas três obras é a crescente precarização dos vínculos empregatícios, mediante supostas flexibilidade e autonomia desses processos, que resultam na progressiva perda de direitos trabalhistas. Uma dita modernização e flexibilização das condições de trabalho a serviço do quê e de quem? — é o que as obras nos fazem questionar.

Observa-se o caráter documental de aproximação das falas de pessoas imersas nessas novas configurações laborais. O registro de mudanças socioculturais no município, invadido pela indústria de vestuário, é também outro diferencial frente às produções estrangeiras. Ao invés de deter-se sobre personagens centrais, faz circular o registro imagético e as falas, entre diferentes pessoas e graus de envolvimento com a produção têxtil. Há o confronto da atualidade com uma cidade nas lembranças de infância do diretor naquela localidade do interior pernambucano, onde a indústria do jeans operou mudanças, inclusive, na paisagem agreste, a partir dos *outdoors* de propagandas de roupa.

Nesse jogo entre passado, presente e futuro na cidade do Agreste (Vieira Júnior et al., 2019), nos aproximamos de um movimento entre passado e futuro semelhante ao orquestrado por Chaplin (1936), que possibilita uma compreensão de modernização dos processos de trabalho e suas implicações psicossociais. Ambas as obras investigadas objetivam realidades socioculturais que podem ser estudadas na materialidade plasmada no objeto artístico, permitindo buscar uma análise entre diferentes tempos históricos, com aproximações, complementaridades e distinções entre expressões de uma dita modernidade.

A escolha, tanto da temática quanto da abordagem teórico-metodológica, está apoiada em pesquisas do Grupo de Pesquisa CNPq *Epistemologia e a Ciência Psicológica*, que evidenciam a potencialidade da análise de imagens como metodologia de investigação psicossocial, utilizando como fonte de estudo imagens, filmes e seriados (Bueno, Santos Júnior, Canuto & Oliveira, 2017; Rocha, Falcão, Barboza & Bueno, 2020; Oliveira, Fonseca, Bueno & Rocha, 2022). Considera-se a perspectiva do desenvolvimento do psiquismo como fruto da internalização de processos sociais, históricos e culturais (Vigotski, 1993). Identificam-se consonâncias com a *teoria da determinação social do processo saúde-doença* e, conseqüentemente, a compreensão do sofrimento psicossocial como também constituído na relação com determinações sociais (Almeida, 2018; Almeida & Gomes, 2014). Referências que permitem uma articulação entre as condições de trabalho, os processos de saúde e sofrimento, bem como por suas relações sociais de determinação (Almeida & Gomes, 2014). Ou seja, temos o trabalho como a principal atividade de organização social da vida e, conseqüentemente, das condições materiais envolvidas nos processos psicossociais.

Desse modo, amparados pelos pressupostos apresentados até aqui, estabelecem-se correlações entre os modos como o trabalho está organizado nas referidas obras cinematográficas (Chaplin, 1936; Vieira Júnior et al., 2019) e implicações nos processos de subjetivação e saúde mental.

Método

O estudo trilhou de modo qualitativo, com o cotejamento de cenas das duas obras fílmicas (*Tempos modernos* e *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*), buscando núcleos de significação imagéticos, uma técnica de investigação de imagens desenvolvida durante a pesquisa de mestrado intitulada *A alien(ação), o contraste com a cri(ação) autoral e os modos de produção: uma*

análise de núcleos de significação imagéticos, no filme *Tempos modernos* (Bueno, 2022). A técnica foi inspirada na análise de Núcleos de Significação, desenvolvida por Aguiar e Ozella (2013, 2006). Em específico, buscamos os movimentos históricos de uma subjetividade social (Gonzalez-Rey, 2003) objetivados nos dois retratos cinematográficos. Para tanto, organiza-se mediante o desenvolvimento de três principais etapas metodológicas: 1) o estabelecimento de pré-indicadores (partindo de cenas emblemáticas acerca da temática investigada); 2) a construção de eixos aglutinadores das cenas (indicadores); e, finalmente, 3) em diálogo com o referencial teórico, apreensão de núcleos de significação que ultrapassem aspectos expressos na aparência imediata dos fenômenos estudados, buscando mediações que permitam uma abordagem crítica da realidade.

O percurso metodológico iniciou-se em sessões de leitura flutuante das obras, elegendo fragmentos iniciais — os pré-indicadores (Aguiar & Ozella, 2006) —, que demonstram a organização do trabalho e as implicações para as pessoas presentes nesses contextos. Nesta etapa, é operada uma espécie de “desmontagem” (Wedekin & Zanella, 2013; Bueno, 2022) da obra em unidades primárias de análise (pré-indicadores). Isso se dá a partir do estabelecimento de relações diretas (de similaridade), indiretas (de complementaridade) e de oposição (de contradição) entre as cenas e seus componentes (personagens, objetos e dinâmica) com os interesses de pesquisa.

Em uma segunda etapa, é empreendida verdadeira “remontagem” dos elementos fílmicos, unindo essas unidades iniciais em torno de aglutinações temáticas (indicadores). Por fim, os indicadores articulados entre si e sob a luz de referenciais da Psicologia Sócio-histórica alcançam a condição de eixos complexos, capazes de evidenciar e abordar contradições dos processos estudados — os chamados núcleos de significação (Aguiar & Ozella, 2006).

As compreensões acerca do processo de desmontagem da unidade inicial das obras investigadas — e sua posterior remontagem — advêm do diálogo com a teoria da montagem cinematográfica de Sergei Eisenstein (1990), que tem uma compreensão dialética da arte e nos aproxima da necessidade compreensão da relação entre as partes e a totalidade da obra. Algo já presente na proposta vigotskiana de estudo da arte (Vigotski, 1999) e que aponta para esse percurso metodológico de certa desmontagem da obra a fim de revelar suas mediações e determinações, que estão para além da aparência inicial. Isso porque as cenas e imagens “[...] cujos significados, embora revelem apenas o lado empírico/aparente do objeto e, por isso, sejam vistos e denominados por nós como *teses*, são importantes pontos de partida na elucidação do movimento de significação da realidade [...]” (Aguiar, Soares & Machado, 2015, p. 64). Contudo, “[...] o homem não pode conhecer o contexto do real a não ser arrancando os fatos do contexto e tornando-os relativamente independentes” (Kosik, 2002, p. 57, citado por Aguiar et al., 2015, p. 64). A nosso ver, isso equivale à etapa de desmontagem da obra em pré-indicadores. No entanto, a etapa deve ser seguida da necessária construção de antíteses e sínteses no avanço em direção às significações, compreendidas como etapa de remontagem, na construção de indicadores e pré-indicadores.

O percurso metodológico aqui descrito permitiu a construção dos núcleos de significação imagéticos apresentados a seguir.

Resultados e discussão

Os núcleos de significação obtidos possibilitaram aproximação crítica a respeito dos impactos das configurações dos modos de produção na organização da cidade; comparações entre o modelo industrial clássico e o avanço da precarização do trabalho, mediadas por uma investigação das funções das esteiras das fábricas e as máquinas de costura nas obras analisadas; as possíveis implicações para saúde mental da reestruturação do trabalho

na lógica capitalista e diálogos com uma perspectiva de determinação social do sofrimento humano em sua esfera ético-política.

A cidade e sua organização como expressão da (re)ordenação psicossocial a partir dos modos de produção

Tomamos como ponto de partida a cidade e a forma como está organizada, como produto e produtora de processos de subjetivação (Bueno, Rocha & Oliveira, 2019). Chaplin (1936) retrata uma cidade que reproduz os padrões observados na fábrica, parecendo uma grande esteira (de concreto, asfalto e aço) que leva trabalhadores em uma única direção: a fábrica. Observamos, na abertura do filme (Chaplin, 1936), um padrão unidirecional das pessoas na cidade, que é destacado pelo jogo de imagens que sobrepõe os trabalhadores com a imagem de um rebanho de ovelhas. Cena que denuncia uma desumanização sistemática dos operários, e até mesmo da cidade. Além disso, na figura da polícia, o Estado aparece em cena apenas para fiscalizar e coibir o ócio (vadiagem) em locais públicos. Isto é, a cidade está majoritariamente condicionada aos fluxos de interesse dos modos de (re)produção do trabalho.

No documentário (Vieira Júnior et al., 2019), a cidade de Toritama, em Pernambuco (PE), tem a paisagem agreste contrastando com gigantescos anúncios de marcas de jeans. Além dos pontos de referência publicitários, assim como no filme de Chaplin (1936), vemos pessoas pela cidade sustentando padrões que remetem à indústria: veículos carregando grandes quantidades de tecidos das fábricas até os pontos de produção externos e pessoas trabalhando com jeans nas calçadas, mudando a paisagem e a movimentação do município.

A cidade de *Tempos modernos* também é retratada como palco de movimentos sociais de enfrentamento de condições de exploração e reivindicações, uma organização coletiva reprimida pela polícia. Em contraposição, no

documentário de Toritama não há nenhuma menção a movimentos de enfrentamento das condições de exploração, como visto em Chaplin. A única referência a uma movimentação coletiva que tensiona a organização humana centrada no modo de produção imposto pela indústria têxtil é a manifestação carnavalesca — que sustenta o título da obra.

Quando o carnaval chega, a cidade vê a dinâmica mercadológica alcançar outra ordenação: um fluxo de abandono da cidade em direção ao litoral e possibilidades de comemoração de três dias de folga. A comoção para deixar a cidade parece tanta que muitas pessoas vendem objetos pessoais (até mesmo as máquinas de costura) para conseguir viajar e há relatos de tristeza das que ficam. Há todo um mercado de penhora, compra e venda de bens que gira em torno da ida para o carnaval.

O barulho ininterrupto das máquinas de costura cessa durante o carnaval. Sonoridade que parece ter se apropriado da cidade até mesmo em uma dimensão sensoperceptiva. Uma cidade que hoje, além das mudanças na organização das casas e dos fluxos das pessoas, tem dimensão estética-sensoperceptiva das paisagens e dos ruídos das máquinas, que também contribuem para essa identidade centrada na indústria de jeans.

O grande espiral fabril de (re)organização das cidades e do ser humano, presente em *Tempos modernos* (Chaplin, 1936), parece ter se diluído e alcançado permeabilidade social. Invisibilizando, assim, as configurações centradas nas estruturas da fábrica, que diluídas/pulverizadas deixam de estar em um único lugar da cidade para se espalhar por toda ela.

Das esteiras de produção às máquinas de costura

Enquanto em *Tempos modernos* temos uma cidade que parece girar espiralmente em torno da fábrica com suas esteiras e reproduzindo, de dentro da fábrica para fora

(cidade), uma lógica de organização social; em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* há uma mudança desse fluxo. No documentário (Vieira Júnior et al., 2019) o motor organizador dos processos, antes na fábrica (Chaplin, 1936), expande seu domínio em nível ainda mais nocivo para a condição humana assujeitada pelo processo de (re)produção capitalista. A lógica de mercado apropria-se da lógica familiar de maneira aguda. Pessoas comem, descansam e as crianças brincam cercadas por máquinas de costura.

Não é à toa que *Tempos modernos* é tido como retrato dos modos de produção e seus impactos na condição humana (Serra, 2008; Veroneze, 2014). Nele somos convidados a refletir sobre essa relação do humano sendo (re)produzido no seio dos modos de produção e de uma atividade que se transforma em (re)atividade. Assim, sinaliza condições de análise do documentário sobre a cidade de Toritama.

Nessa direção, a partir da Psicologia Sócio-histórica, entendemos a reatividade como uma qualidade da ação distanciada de sua potencialidade trans.form.ativa da realidade e aprisionada em padrões de (re)produtividade alienados/alienantes a serviço de interesses nocivos à humanidade, provenientes da lógica do capital, da exploração humana e da acumulação de riquezas.

Como essa lógica maquinal/(re)produtiva apropria-se da potência de ação humana, desarticulando seu caráter trans.form.ativo? Para Sawaia (1999, 2009, 2011, 2014), trata-se de um processo de fragmentação da consciência e sua potência de ação, operacionalizado pela desarticulação de uma unidade possível entre o pensar, o agir e o sentir. Unidade de potencial transformativo, mediante sua capacidade de estabelecimento de uma relação de integralidade com uma unidade humana e a totalidade.

Diante disso, como se dá a internalização desses padrões desarticuladores

da própria subjetividade humana e sua capacidade transformativa? Podemos abordar esse processo de subjetivação e desarticulação humana a partir da perspectiva de Marx, que aborda o trabalho como categoria fundante da humanidade. Por meio do trabalho nos humanizamos, estabelecendo processos de transformação do mundo e transformamos a nós mesmos, portanto, podemos asseverar que as qualidades desse trabalho também irão interferir no processo de humanização ou desumanização (Mészáros, 2006).

A partir de pressupostos desenvolvidos no Materialismo Histórico e Dialético pelo método de Marx, a lei geral do desenvolvimento (Vigotski, 1993) propõe que as qualidades das funções psicológicas humanas ocorrem primeiro nas relações sociais, para só então serem internalizadas. Nesse sentido, as alterações sociais na organização do trabalho têm potência de tornarem-se qualidades que irão interferir materialmente nos processos de subjetivação. Ou seja, a passagem de qualidades de uma esfera interpessoal (social) para uma intrapessoal.

Em momento emblemático de *Tempos modernos* (Chaplin, 1936), o movimento no qual a lógica das esteiras passa para o corpo do personagem, simboliza a (re)organização humana a partir dos modos de (re)produção do trabalho, algo consonante com uma leitura materialista histórica e dialética da lei geral de desenvolvimento, em que as práticas sociais se tornam modos de organização do próprio organismo. Congruente com reflexões contemporâneas de diferentes matrizes de pensamento sobre o modo como a (des)organização social neoliberal tem produzido subjetividades e sofrimento (Antunes, 2011; Almeida, 2018; Safatle et al., 2021).

Em *Tempos modernos* temos uma perspectiva dos impactos da lógica industrial sobre o humano — que encontra um de seus ápices na cena da (re)produção no corpo de

padrões estereotipados de movimentos, decorrentes do trabalho repetitivo e acelerado junto à esteira —, no documentário (Vieira Júnior et al., 2019) acompanhamos os avanços do que o filme de Chaplin (1936) anteviu como moderno. Por exemplo, em *Tempos modernos* temos objetos cênicos que remetem a um futuro do trabalho: como telas de monitoramento e a máquina de alimentar trabalhadores, ambas a serviço de um maior controle das pessoas e do aumento da (re)produtividade fabril. O videomonitoramento acompanha o operário até mesmo ao banheiro, convocando-o para retornar à esteira; por sua vez, a máquina de alimentar as pessoas enquanto trabalham tem a intenção de extinguir o horário de almoço.

Em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (Vieira Júnior et al., 2019), observamos algo semelhante à internalização dos valores de (re)produtividade idealizados pelos modos de gestão de *Tempos modernos*: cenas de pessoas dormindo e descansando sobre pilhas de jeans, ou alimentando-se junto às máquinas de costura são imagens que objetivam a dinâmica precarizada moderna do trabalho semelhante à ficcionalmente desenvolvida por Chaplin (1936).

Discursos como o do empreendedorismo aparecem no documentário (Vieira Júnior et al., 2019) como sustentáculo da precarização — controlando o ritmo das máquinas e da exploração de si. Movimento semelhante ao dos aplicativos, no qual os algoritmos premiam aqueles que mais trabalham.

Se colocarmos, sequencialmente, a cena de *Tempos modernos* do teste da máquina de alimentar pessoas durante o trabalho e a cena do trabalhador de aparência cansada alimentando-se sobre a máquina de costura no documentário, podemos chegar à seguinte conclusão: eles conseguiram! O mesmo sentimento surge ao vermos o homem dormindo sobre uma pilha de jeans.

Aquilo que se efetiva na forma como o trabalho aparece organizado no contexto do

Agreste, tomado pela indústria do jeans, parece ser os interesses de um modelo de (re)produção moderno/futurístico retratado na película de Chaplin (1936). Um tempo de ritmos de (re)produção de mercadorias e de relações sociais desumanizantes, em jornadas de trabalho exaustivas e do tempo livre como algo a ser combatido. Em uma espécie de dinâmica do negócio (negócio), em que há uma negação sistemática de ócio à classe trabalhadora.

A partir de leituras da obra de Marx, autores (Costa, 2010; Safatle et al., 2021) apontam o tempo livre e sua defesa como importantes mediadores de possibilidades de desarticulação dos modos de produção capitalistas, de fomentar condições de características emancipadoras da humanidade. No documentário de Vieira Júnior et al. (2019), vemos um avanço vertiginoso dessa lógica do negócio. Um salto qualitativo característico da contemporaneidade, em que: os modos de gestão produtores de tensões, contradições e antagonismos entre a classe trabalhadora e a figura do patrão, na atualidade — mediada por discursos neoliberais —, a tensão parece encontrar-se na própria configuração subjetiva dos trabalhadores, que, apreendidos pelos discursos do empreendedorismo e de serem seus próprios patrões, tornam-se espiadores de seu próprio ócio e descanso. Discursos que mascaram a ampliação da exploração humana, da precarização do trabalho e o aumento exponencial da concentração da renda, de forma proporcional ao avanço dos indicadores de pobreza, como o desemprego e a fome.

Entre a esteira de Chaplin e as máquinas de costura de Toritama, permanece o ritmo desumanizante em que a dinâmica das máquinas subverte a potência humana em mero recurso de (re)produção, substituível e descartável como qualquer outro insumo.

As implicações na saúde mental

Quais as implicações dessa figura humana desumanamente promovida a patrão/espiador de si? Qual o tempo que sobra

para mudarmos o mundo quando estamos ocupados(as) com a vigilância cotidiana de nós mesmos para alcançar os padrões de (re)produtividade?

As contradições presentes no documentário (Vieira Júnior et al., 2019) são um rico material para acompanharmos objetivações-subjetivações de características dos modos de exploração na contemporaneidade, além de suas implicações para a saúde das pessoas frente aos arranjos neoliberais. A substituição (aparente) de um conflito externo com os modos de exploração humana por um conflito internalizado (em que a pessoa é, ao mesmo tempo, chefe e escravo de si), alcançam nível ampliado de nocividade para o psiquismo.

No documentário, essas contradições ficam evidentes nos discursos das pessoas trabalhadoras que defendem um modelo de produção desumano. Todavia, aparecem refletindo criticamente sobre a quantidade de horas trabalhadas e a falta de alternativas; ou advogam sobre uma dita vantagem financeira daquele tipo de trabalho, enquanto têm que vender suas máquinas e/ou eletrodomésticos para viajar no carnaval. Isso nos faz questionar a mencionada riqueza proporcionada pela indústria do jeans naquela localidade. Há um antagonismo intrínseco, uma fragmentação a serviço de uma (re)produtividade alienada/alienante e um apagamento da dimensão da exploração humana e a desigualdade decorrente da concentração de renda.

O corpo produzido em uma lógica maquinal de fragmentação, apontado em *Tempos modernos*, é atualizado por *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*. A desumanização visível nas cenas de corpos exaustos, reproduzindo movimentos das máquinas — semelhante às esteiras em Chaplin — e nas mãos azuladas pelos jeans, que simbolicamente remetem a um corpo transformado por padrões externos. Na mudança corporal e estética — de uma

psicodinâmica humana, como do corpo alienado/estranhado que sustenta signos de sua desumanização, ou do sofrimento decorrente dessas significações —, o que está em jogo e urge é o resgate da capacidade transformativa humana (Sawaia, 1999; 2009; 2011).

Uma vez que o psiquismo se organiza a partir da internalização dessa dinâmica observada no trabalho estudado, que se efetiva na desefetivação da unidade criativa humana (Antunes, 2011, 2020; Sawaia, 2011), o que vemos é um alcance ampliado da capacidade de alienação e estranhamento do modelo (re)produtivo de exploração. Promovendo uma subjetividade estruturalmente organizada a partir da precarização de si como meta de vida.

Em Chaplin (1936), quem aperta os botões e gere a velocidade da produção é o chefe; já no documentário de Vieira Júnior et al. (2019), a internalização dessa função pode ser observada quando trabalhadores estão no controle da velocidade, mas governados por ideais do neoliberalismo.

Opera-se a fragmentação da consciência e a unidade entre pensar, agir e sentir, que seria a chave de transformação das condições materiais que nos subjagam (Mészáros, 2007; Martín-Baró, 2015). O que promove uma qualidade de sofrimento que, pelo apagamento (aparente) das tensões externas, passa a ser individualizado/individualizante. Em *Tempos modernos*, a solução para os impasses individualizados na figura daquele que sofre é a exclusão e a substituição dele como peça defeituosa.

Nessa configuração, faz-se necessária a defesa de uma abordagem do sofrimento humano como sofrimento ético-político (Sawaia, 1999), encarado em sua qualidade psicossocial e distanciado da ótica individualista, que está estruturalmente a serviço dos modos de gestão da exploração humana, por negar uma relação do sofrimento com os modos de (re)produção do trabalho.

Saúde mental e determinações sociais: implicações e desafios

O desafio para o campo da saúde mental deve considerar uma abordagem que penetre na aparência dos fenômenos do sofrimento psicossocial na contemporaneidade, para revelar as relações desse sofrimento, que é ético-político, com processos de sua determinação social (Almeida, 2018). Nessa direção, as duas produções cinematográficas escolhidas ofertam um ponto de aproximação desse sofrimento decorrido da reestruturação dos processos de trabalho; seja na esfera individual — representado emblematicamente por Chaplin (1936), na sua caracterização dos efeitos do maquinário sobre o corpo do trabalhador — ou nas mudanças societárias, explicitadas no documentário brasileiro sobre os impactos da indústria do jeans no interior pernambucano (Vieira Júnior et al., 2019).

Nosso interesse é a proposição de uma perspectiva de denúncia das determinações sociais dos processos de saúde-doença, sem um caráter determinista, que descarta a potência de ação e transformação humana, mas que compreende que ela vem sendo desarticulada por modos de produção que buscam sua efetividade na desefetivação da potência humana (Antunes, 2011, 2020; Sawaia, 1999). Desarticulação humana operada mediante discursos de uma autogestão empreendedora alinhada a interesses de precarização do trabalho, expressos e operacionalizados pela defesa neoliberal de uma modernização, como a da legislação trabalhista, amparada na redução de direitos da classe trabalhadora (Netto, 2013).

Modernidade que, em Chaplin (1936), concentra-se na aceleração da vida via gestão dos modos de (re)produção dela mesma, e que acaba esvaziando o campo ético-político do sofrimento. Em *Tempos modernos*, vemos um trabalhador que sofre enquanto a nocividade avança sobre os modos de gestão do trabalho.

Contudo, seu sofrimento é individualizado e ignorado como produto da organização social do trabalho; assim, pode ser retirado do processo laboral, junto à sua capacidade de denúncia crítica das condições de trabalho.

A nosso ver, o documentário brasileiro sobre a indústria do jeans aponta para um esvaziamento do próprio termo “trabalhador”, junto à sua qualidade articuladora/transformadora das condições de trabalho. Há a substituição, mediada pelos discursos neoliberais, pela lógica do “empreendedor”.

O termo empreendedor (E) parece demarcar um duplo apagamento (aparente), a partir de nossas análises do filme, das figuras do trabalhador (T) e do patrão (P). Assim, $E = -T + P$ — conseqüentemente, as tensões entre esses dois polos do trabalho (explorado/T e explorador/P) parecem borrados pelos arranjos contemporâneos observados no documentário brasileiro (Vieira Júnior et al., 2019), mascarando as contradições que devem ser denunciadas e enfrentadas. A potência transformadora dos antes trabalhadores parece sistematicamente diminuída e substituída por uma dinâmica consumidora (em que passamos a ser apenas pessoas que consomem e são consumidas), restrita aos padrões (re)produtivistas do mercado (Netto, 2013). Vale ressaltar que essas mudanças se dão apenas na aparência dos processos observados, visto que a lógica de exploração capitalista continua a mesma: de produção de mais-valia e concentração de riquezas na mão de exploradores, dependentes diretos da precarização/desarticulação humana para sustentar esse modo de (re)produção de desigualdades (Antunes, 2011; 2020).

Em síntese, adotamos a perspectiva de uma formação social do psiquismo decorrente das condições materiais de sua determinação, de modo que a compressão dos processos de saúde/doença segue na mesma direção e afaste-se de leituras individualistas e individualizantes do sofrimento humano. Concomitantemente,

aponta-se uma direção de reconhecimento e defesa da potência de transformação social humana (Sawaia, 2011; 2014), bem como da consciência das condições materiais de sua determinação (Almeida, 2018). Assim, propomos que uma das principais implicações para o campo da saúde mental é compreender as relações condicionantes do sofrimento psicossocial como diretamente ligadas à estruturação do trabalho que, em configurações contemporâneas do capitalismo, tem, inclusive, reorganizado a esfera da subjetividade de maneira acentuadamente desumanizadora (Antunes, 2011; Safatle et al., 2021). Isso porque uma das características principais da face atual do capitalismo é seu avanço, sobre todas as diferentes instâncias da vida, na (re)produção de uma sensibilidade capitalista (Netto, 2013).

Esse modo de organização da própria esfera subjetiva (Almeida, 2018; Antunes, 2011; 2020) impõem significativos desafios ao campo da saúde mental, uma vez que implica reconhecer uma relação direta entre a sociabilidade contemporânea, atravessada pelos ideais capitalistas, e a necessidade de construção de outra sociabilidade (Netto, 2013). Uma abordagem crítica da problemática passa pela compreensão de como nosso psiquismo tem seu desenvolvimento inextricavelmente decorrente dos modos em que a sociabilidade se configura (Vigotski, 1993; 1998); e que uma configuração societária alienada (capitalista) concorre diretamente com a potência criativa/transformativa humana (Martín-Baró, 2015), capaz de tencionar construir um conjunto de relações comprometidas com a transformação social (Sawaia, 2011; 2014).

Considerações finais: passado, presente e futuro da exploração pelo trabalho

Mesmo tratando-se de temáticas distintas, ousamos um trocadilho com o título da obra freudiana *O futuro de uma ilusão* (Freud, 2012): Chaplin (1936) parece, ao mesmo tempo, construir e desconstruir (no

passado) o retrato de um futuro de uma ilusão da modernidade centrada nos avanços tecnológicos. Avanços que instrumentalizam a escalada capitalista de exploração humana, habilmente retratada em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*. Enquanto *Tempos modernos* parece alcançar, em quase um século de antecedência, a capacidade de antecipar questões — como a de uma (re)produtividade controlada por telas —, *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* revela o retrato do avanço, no presente, de uma ilusão moderna

Concluimos que ambas as obras cinematográficas aqui analisadas, do passado futurista e do presente precarizado do trabalho, encontram consonância entre aquilo retratado como um ideal da (re)produtividade (externa), perseguida pela indústria de *Tempos modernos*, e que hoje parece (re)produzido de maneira internalizada pelos discursos neoliberais e de um capitalismo contemporâneo (Netto, 2013). Com isso, o documentário de Vieira Júnior et al. (2019), apreende uma antagônica diluição e concentração da lógica acelerada de *Tempos modernos*, pelo tecido social, aumentando sua capacidade de alcance e penetração na dimensão psicossocial. Torna, assim, as formas de gestão dos modos de (re)produção do trabalho, coordenadas de ordenação das cidades, das dinâmicas dos lares, da gestão da vida do psiquismo e do próprio sofrimento (Sawaia, 1999; Antunes, 2011; Martín-Baró, 2015, & Almeida, 2018).

Se o filme de Chaplin (1936) efetiva a potencialidade da arte em antecipar os futuros de nossas ilusões, cabe encontrarmos novamente, em uma poética futura, como proposto por Marx (2011), para que nossas lutas no presente possam construir rotas de enfrentamento à desigualdade (re)produzida pelos modos de organização do trabalho. As coordenadas de um olhar crítico sobre a temática, presente nos filmes analisados, reforça a compreensão vigotskiana (1999) de que é decisivo o papel da arte nesse exercício

de transformação das condições humanas de existência.

Referências

- Ariès, P. (1978). *História Social da Criança e da Família* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 94(236), 299-322. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNjKqq4zjP/abstract/?lang=pt>
- Aguiar W. M. J., & Ozella S. (2006) Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>
- Aguiar, W. M. J., Soares, J. R., & Machado, V. C. (2015). Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, 45(155), 56-75. <https://doi.org/10.1590/198053142818>
- Almeida, M. R. (2018). *Formação social dos transtornos do humor*. (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, SP, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153333>
- Almeida, M. R., & Gomes, R. M. (2014). Medicalização social e educação: contribuições da teoria da determinação social do processo saúde doença. *Nuances: estudos sobre Educação*, 25(1), 155-175. Recuperado de <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewArticle/2728>
- Antunes R. (Org.). (2020). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2011). Os exercícios da subjetividade: as reificações inocentes e as reificações estranhadas. *Caderno CRH [Internet]*, 24(1), 121-131. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000400009>
- Bueno, L. D., Santos Júnior, P. S. dos, Canuto, L. T., & Oliveira, A. A. S. (2017). Iconografia na investigação e intervenção de processos psicossociais. *Revista de Psicologia da UFC*, 8(1), p. 99-108. Recuperado de <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/27943>
- Bueno, L. D., Rocha, M. L. B., & Oliveira, A. A. S. (2019). Vivências de juventudes em espaços urbanos: grafite e pichação como expressões de subjetividade. *Fragmentos da cultura*, 29(03), 425-435. <http://dx.doi.org/10.18224/frag.v29i3.7800>
- Bueno, L. D. (2022). *A alienação, o contraste com a criação autoral e os modos de produção: uma análise de núcleos de significação imagéticos, no filme Tempos modernos*. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil. Recuperado de <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/12361>
- Bueno, G., & Zanella, A. V. (2022). Imagem, cinema e psicologia: compondo aproximações entre arte e ciência. *Psicologia USP*, 33(1), 1-10. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200101>

- Chaplin, C. (Produtor/Diretor). (1936). *Tempos Modernos* [Filme]. Estados Unidos da América: Charles Chaplin Productions.
- Costa, M. H. M. (2010). *Das categorias de O capital à vida cotidiana*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=199076
- Eisenstein, S. (1990). *A Forma do Filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (2012). *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: P&PM.
- Gradella Júnior, O. (2010). Sofrimento psíquico e trabalho intelectual. *Cadernos de psicologia social do trabalho*, 13(1), 133-148. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172010000100011&lng=pt&nrm=iso
- Gonzalez-Rey, F. (2003). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson.
- Loizos, P. (2002). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In M. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 137-155). Petrópolis: Editora Vozes.
- Martín-Baró, I. (2015). Del pensamiento alienado al pensamiento creativo (1971). *Teoría y Crítica de la Psicología*, (6), 457-486. Recuperado de <http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TC/P/article/view/71>
- Marx, K. (2011). *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo.
- McDormand, F., Asher, M. (Produtores), & Zhao, Chloé (Produtora/Diretora). (2021). *Nomadland* [Filme]. Estados Unidos da América: Searchlight Pictures
- Mészáros, I. (2006). *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo.
- Mészáros, I. (2007). *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo.
- Miura, P. O, Oliveira, A. A. S., Kohatsu, & Gewehr, R. B. (2022) *Psicologia e Cinema*. São Paulo, SP/Brasil: Blucher. Recuperado de <https://www.blucher.com.br/psicologia-e-cinema>
- Moraes, J. S., Silva, G. L. R., & Rossler, J. H. (2010). A alienação e o sofrimento da classe trabalhadora: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, 2(Número Especial), 72-97. Recuperado de http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo_5_especial.pdf
- Netto, J. P. (2013). “Uma face contemporânea da barbárie” - Seção I – Temas contemporâneos. In G. M. Costa, & R. Souza (Orgs.), *O Social em perspectiva: políticas, trabalho, Serviço Social*. Maceió: EDUFAL.
- O’Brien, R. (Produtora) & Ken Loach (Diretor). (2019). *Você não estava aqui* [Filme]. Reino Unido: Sixteen Films.
- Oliveira, A. A. S., Fonseca, A. L. M, Bueno, L. D., & Rocha, M. L. B. (2022). A (trans)formação social de processos psicológicos no filme *A chegada*. In P. O. Miura, A. A. S. de Oliveira, L. N. Kohatsu, & R. B. Gewehr (Orgs.), *Psicologia e Cinema* (pp. 21-34). São Paulo, SP/Brasil: Blucher.
- Rocha, M. L. B., Falcão, C. A., Barboza, A. M. M., & Bueno, L. D. (2020). Assexualidade em seriados televisivos: uma análise sócio-histórica. *REVES- Revista Relações Sociais*, 3(4), 13001-13013. <https://doi.org/10.18540/revesv13iss4pp13001-13013>
- Safatle, V., Silva Júnior, N., & Dunker, C. (Orgs.). (2021). *Neoliberalismo como*

- gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Sawaia, B. (1999). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. Sawaia (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 97-118). Petrópolis: Vozes.
- Sawaia, B. (2011). Da consciência à potência de ação: um movimento possível do sujeito revolucionário na psicologia social laneana. In W. Galindo & B. Medrado (Orgs.), *Psicologia Social e seus movimentos: 30 anos de ABRAPSO* (pp. 35-51). Recife: Editora Universitária UFPE.
- Sawaia, B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364-372. Recuperado de <https://www5.pucsp.br/nexin/artigos/download/psicologia-e-desigualdade-social.pdf>
- Sawaia, B. (2014). Transformação social: um objeto pertinente à Psicologia Social? *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 4-17. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Wx4KxGgWWrK57tqYxQS4Zhx/?format=pdf&lang=pt>
- Serra, P. (2008). Tempos modernos. *Doc Online*, (4), 145-146. Recuperado de http://doc.ubi.pt/04/analise_paulo_serra.pdf
- Veroneze, R. T. (2014). A realidade coisificada e reificada: em tempos de manifestações sociais. *Revista Emancipação*, 14(1), 33-45. <https://doi.org/10.5212/Emancipacao.v.14i1.0002>
- Vieira Júnior, J., Aragão, N. (Produtores), & Gomes, M. (Diretor). (2019). *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* [Documentário]. Brasil: Netflix.
- Vigotski, L. S. (1998). *A formação social na mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1993). *Obras escogidas (Tomo IV)*. Madrid: Visor.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wedekin, L. M. (2015). *Psicologia e arte: os diálogos de Vigotski com a arte russa de seu tempo*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina). Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134777>
- Wedekin, L. M., & Zanella, A. V. (2013). Arte e vida em Vigotski e o modernismo russo. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 689-699. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pe/a/FBCnYs5QFJ4BjvzbsjYKZxP/?lang=pt#>

Dados sobre os autores:

- *Luciano Domingues Bueno*: Psicólogo, doutorando no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas (PPGSS/UFAL), mestre em Psicologia pela UFAL e especialista em saúde do adulto e do idoso pelo Programa de Residência Multiprofissional (HUPPA/UFAL).
- *Maria Laura Barros da Rocha*: Doutoranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de pesquisa "Estética, processos de criação e política". Psicóloga, graduada e mestra pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pós-graduada em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Dom Alberto.
- *Adélia Augusta Souto de Oliveira*: Prof^ª Titular do Instituto de Psicologia e docente pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. Realizou estágio pós-doutoral em Psicologia Social na PUC-SP, em Educação na Universidade do Minho e em Psicologia Social na Universidad de Barcelona.

Agradecimentos:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado concedida à Luciano Domingues Bueno.

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
